

Silvio Almeida no carnaval brasileiro



Por **LUIS FELIPE MIGUEL***

Gostar ou não de carnaval não é o elemento definidor da brasilidade de ninguém

Não tenho ouvido falar muito do ministro Silvio Almeida. Parece que ele adotou uma postura meio ambígua no combate ao sionismo, o que é lamentável para alguém que está no Ministério dos Direitos Humanos, mas são informações esparsas que vejo na imprensa.

Ele esteve numa escola de samba paulista no sábado e desfilou na noite passada na Portela, no Rio de Janeiro. Entrevistado, falou as platitudes de praxe nessas ocasiões e soltou: “Gostar do carnaval é gostar do Brasil”.

Quer dizer que eu não gosto do Brasil, ministro?

De que carnaval, afinal, Silvio Almeida está falando?

Das escolas de samba vinculadas à contravenção? Dos camarotes milionários? Dos abadás superfaturados, do cercamento das ruas para que só os pagantes possam pular?

Ou será o carnaval dos “blocos do TikTok” – sim, porque agora os *namings rights* invadiram tudo?

Talvez o carnaval da importunação sexual, da falta de banheiros, da cerveja quente e cara?

Em tudo isso nós devemos ver um reflexo do “gostar do Brasil”?

Os políticos pilantras que fazem seu populismo nas escolas de samba e os capitalistas destrutivos que se embebedam nos camarotes – eles são exemplos de amor à pátria?

O pesquisador Luiz Antonio Simas descreveu hiperbolicamente o carnaval como “celebração coletiva que afronta o individualismo e a decadência da vida em grupo; conjunto de ritos que reavivam laços contrários à diluição comunitária, fortalecem pertencimentos e sociabilidades e criam redes de proteção social nas frestas do desencanto”.

É sonoro, ainda que exagerado, unilateral, romantizado e tingido de um comunitarismo talvez problemático. Mas quanto do espetáculo turístico-comercial do Rio de Janeiro, São Paulo ou Salvador corresponde a essa definição?

Tem afronta ao individualismo nas estrelas que negociam cachês milionários para cantar nos blocos? Tem reação contra a decadência da vida em grupo nas subcelebridades disputando um espaço na televisão ou na revista Caras? Tem

a terra é redonda

reavivamento de laços comunitários nas empresas elaborando suas estratégias de marketing momesco? Os pertencimentos são fortalecidos pelos banqueiros do jogo de bicho e sua promiscuidade com o poder público? A rede de proteção social é mais bem sinalizada pelo celular roubado ou pelo beijo forçado?

Dá para gostar da festa e do espetáculo por gostar, sem adotar todo esse palavreado.

Como alguém que constrói sua persona pública como intelectual sofisticado, como o ministro Silvio Almeida, promove tão alegremente a equivalência entre o carnaval abstrato (a festa popular) e o evento comercial concreto?

O fato de que eu não gosto de carnaval diminui meu amor pelo Brasil?

Não gosto de carnaval. Tenho aproveitado o feriado para ler literatura (estrangeira, que horror!) e assistir a óperas em vídeo. Também não gosto de futebol. Nem de praia. Deviam revogar minha nacionalidade? Ou tenho direito a *sursis* por gostar de feijoada?

A seu modo, a fala de Silvio Almeida é tão discriminatória quanto a do nazistinha que foi secretário de Cultura de Jair Bolsonaro, que achava que o Brasil precisava se “civilizar” e passar a ouvir só Wagner.

Um bom carnaval pra todo mundo – para quem quer pular, para quem quer descansar e também para os muitos que são obrigados a trabalhar nesses dias.

Isso simplesmente não define nossa brasilidade.

***Luis Felipe Miguel** é professor do Instituto de Ciência Política da UnB. Autor, entre outros livros, de *Democracia na periferia capitalista: impasses do Brasil*. (Autêntica) [<https://amzn.to/45NRwS2>]

Publicado originalmente nas redes sociais do autor.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)